

## VÔLEI NA RUA – O VÔLEI ADAPTADO À TERCEIRA IDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CIEJA ALUNA JÉSSICA NUNES HERCULANO

Jacqueline Cristina Jesus Martins

A experiência aqui relatada refere-se ao trabalho realizado no CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos) Aluna Jessica Nunes Herculano durante o segundo semestre de 2016, com as turmas dos módulos 1 e 2, referentes às etapas de alfabetização e etapa básica, dos períodos da manhã e da tarde, num total de quatro turmas. Sou professora supervisora do PIBID<sup>1</sup> e me acompanharam na realização desse trabalho dois bolsistas no período da manhã e três bolsistas no período da tarde. Esses bolsistas<sup>2</sup> são estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo.

A opção pelo estudo da prática corporal Vôlei Adaptado a Terceira Idade foi feita a partir do mapeamento com as quatro turmas, das observações da avaliação do trabalho realizado durante o primeiro semestre e das observações feitas pela professora, levando em consideração os temas que haviam sido abordados. Também foi considerada a possibilidade de realização das atividades no espaço que a escola dispõe, como não há quadra ou pátio grande, as aulas ocorrem na rua em frente à escola, situada à margem da Rodovia Raposo Tavares, no Butantã, zona oeste da cidade de São Paulo.



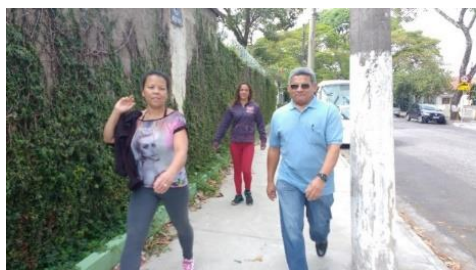
<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Sub-projeto: O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas

<sup>2</sup> Os bolsistas do PIBID acompanham as aulas de Educação Física das suas respectivas turmas, colaborando no planejamento, organização, execução e avaliação das aulas.

Entre as quatro turmas que participaram das aulas temos um total de 26 pessoas com deficiência, sendo quatro estudantes com Síndrome de Down, três com deficiência física, uma com deficiência auditiva, quinze com deficiência intelectual e três com deficiência múltipla – desses três, dois são usuários de cadeiras de rodas. Além dos estudantes com deficiência, o grupo também é composto por jovens, homens e mulheres trabalhadores e idosos e idosos aposentados.

Iniciamos o trabalho conversando sobre o que fora realizado durante o primeiro semestre e quais seriam os interesses para o próximo trabalho. Os estudantes mencionaram exercícios de alongamento, caminhadas, atividades em grupo, competições, danças e alguns esportes. Anotamos todas as sugestões. Nas quatro turmas, falas como *O que você escolher vai ser bom pra gente!* estiveram presentes. Isso mostra o quanto os estudantes não reconhecem o próprio direito à voz na construção dos currículos escolares.

Considerando o mapeamento inicial, procuramos planejar o trabalho atendendo às solicitações das turmas, incluindo atividades em grupo e competitivas. Iniciávamos as aulas com a caminhada e, em seguida, realizávamos brincadeiras competitivas, tentando reconhecer e valorizar as diferenças presentes nos grupos. Esse olhar sobre as diferenças visava a garantir o direito de todos participarem. Observamos que os estudantes gostaram muito das situações competitivas e aqueles sem deficiência ajudaram os estudantes com deficiência que necessitavam de mais apoio sem que fizéssemos essa solicitação. Também observamos que os estudantes com deficiência se envolveram bastante nas disputas, comemorando muito quando venciam.



Caminhada no início da aula



Primeiras atividades coletivas e competitivas

A partir das observações feitas, decidimos continuar contemplando as atividades coletivas competitivas, mas tentando uma aproximação com a prática esportiva, que também havia surgido no mapeamento inicial. Como realizamos as nossas aulas na rua, por questões de espaço e de segurança, a vivência de algumas práticas esportivas era dificultada, e eu, enquanto professora responsável pela aula/turma, optei por tematizar o voleibol, pois acreditei que seria uma modalidade que conseguiríamos realizar sem maiores riscos.

Como de costume e reconhecendo o grande interesse dos estudantes, iniciamos a aula com exercícios de aquecimento e, em seguida, desafiamos o grupo a realizar 20 passes sem deixar a bola cair no chão, deveriam arremessá-la e recebê-la. Após algumas tentativas, conseguimos cumprir a tarefa. Durante a atividade foi possível observar que alguns estudantes já conheciam o vôlei, pois queriam realizar executar toques e manchetes, enquanto outros estavam tendo a suas primeiras experiências com o esporte e “aquela bola”<sup>3</sup>. Amarramos a rede nas árvores frente a frente nas calçadas e iniciamos a experimentação do jogo, mas devido às questões de segurança, optamos pelas regras do vôlei adaptado para a terceira idade, que consiste em segurar e lançar a bola ao invés de rebatê-la.

Tão logo mencionamos a utilização de uma prática da terceira idade, alguns estudantes acharam ruim: *Jogo de velho professora!?, Assim vai ser chato!* Essas falas demonstraram um certo preconceito em relação às práticas corporais dos idosos. Dividimos a turma em duas equipes e o objetivo era marcar a ponto arremessando a bola por cima da rede de forma com que a bola caísse na quadra adversária e impedir que a bola caísse em seu próprio campo. Era permitido utilizar no máximo de três passes, assim como no vôlei convencional. Observamos que os estudantes, de modo geral, se mostraram muito competitivos e, em vários momentos, pulavam na frente dos colegas para não deixar a bola cair, outros ficavam bravos quando a sua equipe errava um lance e ainda tivemos os que comemoravam muito cada ponto. Mas, por outro lado, alguns não conseguiram entender o objetivo do jogo, as regras e as possibilidades de organização coletiva para a prática do vôlei. Percebemos que

---

<sup>3</sup> Modo como alguns estudantes se referiram a bola de vôlei.

alguns estudantes se destacaram pelo bom desempenho, enquanto outros quase não tocaram a bola justamente por terem poucas experiências com o esporte.

Para a aula seguinte, novamente organizamos o jogo de vôlei no formato adaptado para a terceira idade, com a intenção de ajudar os estudantes com mais dificuldades tanto na vivência corporal como no entendimento do jogo. Inicialmente, os mais jovens e os mais habilidosos, solicitaram que fizéssemos o vôlei convencional, pois nas suas opiniões o jogo da aula passada havia sido muito devagar. Retomamos a questão da segurança e eles toparam participar daquela forma. Repetindo o que acontecera na aula anterior, os grupos apresentaram um grande interesse pelo jogo e se mostraram empenhados em organizar estratégias para vencer a partida, o que não havia acontecido na aula anterior. Vimos os estudantes com deficiência pedindo a bola durante o jogo e isso nos mostrou o quanto eles estavam envolvidos e participando da aula juntamente com os demais, porém, percebemos que tiveram menos oportunidades. Na maioria das vezes, foram os estagiários ou eu mesma quem lhes passou a bola. Apesar disso, mesmo participando menos, quando as suas equipes venciam ou marcavam pontos, vibravam muito.

A dificuldade de alguns estudantes em compreender certas regras permanecia e a todo momento precisávamos lembrar o funcionamento do jogo. Outro destaque foi a participação dos jovens Wellington<sup>4</sup> e Pedro<sup>5</sup>, ambos estavam muito envolvidos com a atividade de travaram algumas disputas entre si, gerando risos nos demais, pois eles nunca haviam demonstrado tanto envolvimento nas aulas.

A partir das observações feitas nas primeiras aulas, percebemos o interesse dos estudantes e enxergamos a possibilidade de tematizarmos pelo vôlei adaptado para a terceira idade naquele período letivo. Elegemos como objetivos:

- Conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos dos alunos a respeito dessa modalidade esportiva.

---

<sup>4</sup> Estudante com 16 anos

<sup>5</sup> Estudante com 17 anos

- Compreender a necessidade de participação pessoal e coletiva no processo de construção/ressignificação das regras oficiais para atender às demandas específicas do grupo.
- Analisar criticamente a organização tática das equipes durante as aulas, propondo novas possibilidades de ação.
- Participar e explicar o processo de seleção das equipes ou grupos de trabalho visando à equidade durante a prática.
- Conhecer e vivenciar a gestualidade técnica e as táticas do esporte, assim como construir novas formas de realiza-lo que se ajustem às características do grupo.

Passamos a organizar a aula seguinte a partir da análise do que acontecia na anterior, com a intenção alcançar os objetivos traçados, reconhecendo as especificidades dos grupos.

Uma ação importante que aconteceu durante todo o trabalho foi a manutenção de uma certa rotina nas aulas, com ações que marcassem bem o começo, o meio e o fim das aulas de Educação Física, pois, em conversa com a professora da Sala de Apoio e Atendimento à Inclusão (SAAI), ela relatou que para alguns estudantes com deficiência que compunham as turmas, saber o que vai acontecer na aula viabiliza uma participação mais efetiva. Pelo fato das turmas serem compostas por vários estudantes com deficiência e as aulas acontecerem em um espaço repleto de estímulos externos, uma boa marcação dos momentos da aula foram extremamente importantes. Em várias ocasiões, eles chegaram ao local onde ocorriam as atividades realizando movimentos de aquecimento e, ao organizarmos o círculo ao final da atividade proposta, demonstravam os exercícios de alongamento. Ou seja, constatamos que ter utilizado essa estratégia refletiu positivamente nas aprendizagens desses estudantes.

Na aula seguinte iniciamos o trabalho com uma breve explicação sobre o funcionamento do vôlei e as diferenças em relação ao vôlei adaptado para a terceira idade. Falamos sobre algumas regras, a altura da rede e o tamanho da quadra. Após essa apresentação, realizamos exercícios de aquecimento em duplas utilizando a bola de vôlei e, para os estudantes com deficiência e as pessoas que apresentavam mais dificuldades, trabalhamos com as bolas de

espuma para garantir que não se machucassem. Nesse momento apresentamos as técnicas da manchete, toque e o saque que, mesmo não sendo empregadas no vôlei adaptado à terceira idade, acreditamos que seria importante conhecê-las, visto que o vôlei transmitido pela televisão tem essa gestualidade e isso ajudaria os estudantes a entenderem um pouco mais do esporte convencional. Em seguida, jogamos algumas partidas de vôlei utilizando estratégias para que os estudantes entendessem que o jogo não era apenas se livrar da bola, jogando-a para o outro lado de qualquer maneira, mas que havia uma determinada organização da equipe com o objetivo de pontuar. Houve dificuldade na compreensão da nova regra que obrigava cada time a passar a bola três vezes antes de arremessá-la para o lado adversário.

No transcorrer da atividade, aconteceu um fato interessante, ao dividirmos o grupo em três equipes para jogar, uma ficou aguardando para ser a próxima. Durante o período de espera, alguns estudantes propuseram realizar uma caminhada em volta do quarteirão. Trata-se de uma demanda constante do grupo e nas últimas aulas não tivemos tempo de realizá-la. Registramos essa informação para planejarmos as próximas aulas, mas gostamos de ver os estudantes tomando iniciativas e apresentando seus interesses e desejos. Eles foram caminhar enquanto as outras equipes jogavam.

Sempre preocupado com os colegas, Miguel<sup>6</sup> se oferecia para ajudar e incentivava os alunos com deficiência a participarem, passando-lhes a bola sempre que possível. Marilene<sup>7</sup>, por sua vez, elogiou o jogo e mostrou-se muito animada. O grupo envolveu-se na atividade em um grau maior do que normalmente faziam, isso nos fez acreditar que estávamos construindo um trabalho que dialogava com seus interesses.

Finalizando aquele encontro, aproveitamos para relembrar o tamanho oficial da quadra, a altura da rede, o número de participantes e as regras do esporte. Nessa conversa final sobre a aula, apresentamos a possibilidade de realizar uma vivência no ambiente oficial e contra uma equipe de jogadores da terceira idade. Ideia que foi aplaudida pelos estudantes. Encerramos a aula

---

<sup>6</sup> Todos os nomes apresentados no relato são fictícios, com a intenção de preservar a identidade dos estudantes. Miguel é um estudante adulto com 40 anos.

<sup>7</sup> Estudante com 32 anos

com os exercícios de alongamento e eu passei a buscar um local que oferecesse condições para vivenciar o vôlei adaptado à terceira idade.



Considerando a proposta da aula anterior, na seguinte fizemos alongamentos, saímos para caminhar por 10 minutos e trocamos passes e recepções com a bola de vôlei. Retomamos o formato adaptado para a terceira idade realizamos algumas partidas e finalizamos o trabalho com alongamentos. A essa altura já se notavam modificações nas técnicas empregadas pelos estudantes, visto que algumas senhoras tinham dito que brincaram com aquele material, qualquer melhoria era perceptível: *Hoje eu não deixei a bola cair nenhuma vez, Você viu como eu estou melhorando? Olha como eu estou conseguindo!* Mesmo sem ser objetivo do trabalho, isso fez com que o jogo ficasse melhor, aumentando a possibilidade de compreensão dos estudantes sobre a prática corporal, possibilitando ampliar e aprofundar os conhecimentos do vôlei adaptado à terceira idade. O mesmo aconteceu com os mais jovens, que apesar de uma mobilidade maior que os idosos, foram construindo outras formas de jogar, criando o seu próprio repertório gestual. Também observamos que alguns estudantes com deficiência venceram o “medo” inicial, passando a ir em direção à bola para pegá-la.

Identificamos também que a competição estava gerando alguns problemas. Iara<sup>8</sup> começou a jogar, mas ao perceber que seu time estava perdendo, pediu para sair alegando que sua equipe era muito ruim. Quando o significado competitivo ficou mais aflorado, os estudantes com deficiência diminuíram sua participação, pois, para vencer, os demais não se preocupavam em passar-lhes a bola, e alguns ainda se adiantavam sobre os

<sup>8</sup> Estudante com 53 anos

outros com menor iniciativa. Quando solicitamos que Elisa<sup>9</sup> fosse a próxima a sacar, rapidamente Lucia<sup>10</sup> disse que era melhor ela não jogar, pois já havia errado uma vez. Contrapondo-se a isso, Miguel continuava se se certificando que todos do seu grupo participassem. Propusemos, então, que Elisa realizasse o saque um pouco mais à frente da linha.



Como os estudantes ainda apresentavam algumas dificuldades em relação ao entendimento do jogo e suas regras, iniciamos a próxima aula utilizando a lousa, relembramos as diferenças entre o vôlei convencional e o vôlei adaptado para a terceira idade, reforçamos algumas regras e apresentamos o rodízio. Em seguida fizemos uma caminhada ao redor do quarteirão e realizamos saques, arremessos e recepções. Divididos em dois grupos, um de cada lado da rede, as bolas eram lançadas por cima da rede de forma a obrigar os estudantes a se deslocarem para recebê-la. Demos início ao rodízio e, para facilitar a compreensão, dividimos o chão em espaços onde cada jogador “era o responsável pela sua área”, além de setas que indicavam o sentido do rodízio.

Os estudantes apresentaram dificuldades para entender o procedimento já que foi algo novo e o recurso que usamos levou-os a pensar que não poderiam ultrapassar o seu espaço. Elisa não conseguia compreender as regras, o funcionamento do jogo, nem o rodízio, muitas vezes não sabia o que significavam as setas no chão. Em suas próprias palavras ao final da aula: *Eu parecia uma barata tonta!* Apesar disso, a maioria da turma conseguiu sacar atrás da linha de fundo. Percebemos que trabalhar com uma regra ou conceito de cada vez seria a melhor opção.

<sup>9</sup> Estudante com 68 anos

<sup>10</sup> Estudante com 54 anos



	
<p>Marcação feita na "quadra" para ajudar a entender o rodízio.</p>	<p>Realizando o movimento do rodízio durante o jogo</p>

A aula seguinte foi iniciada com a apresentação de alguns vídeos com imagens das equipes de idosos jogando o vôlei adaptado à terceira idade. O material continha gravações dos Jogos Regionais dos Idosos (JORI), explicações das categorias, regras e entrevistas com participantes. Alguns estudantes ficaram espantados em ver os idosos jogando e, principalmente, em saber que existia uma competição específica. Para alguns, a ideia da velhice enquanto momento de ficar em casa ainda está muito presente. Porém, nas próprias turmas há pessoas que passaram a frequentar a escola quando se tornaram idosos. O fato foi usado para contrapor os discursos anunciados. Algumas senhoras se posicionaram dizendo que ainda tinham muita vida pela frente e que não é porque haviam se aposentado que não iriam fazer mais nada.

Alguns estudantes mais jovens fizeram piadinhas dizendo que chamariam os seus avós para jogar, enquanto os mais velhos disseram que aquilo era um estímulo para que os mais jovens praticassem esportes. *Hoje eu trabalhei o dia inteiro e estou bem cansada, mais depois de ver isso, eu vou é fazer a aula de Educação Física porque eu quero ficar velhinha assim, igual a eles!* (Marlene<sup>11</sup>). A retomada das caminhadas no início das aulas estava sendo bem avaliada pelo grupo e por isso mantivemos a rotina. Realizamos novamente o jogo de vôlei com as marcações dos espaços na quadra e as setas indicando o sentido do rodízio, para tanto, antes de iniciar o jogo, retomamos as explicações a respeito. Em todas as aulas até agora nós organizávamos as equipes na tentativa de equilibrá-las e garantir um jogo mais

<sup>11</sup> Estudante com 38 anos

disputado, porém, naquele dia pedimos a duas estudantes idosas - Assunção<sup>12</sup> e a Ana Maria<sup>13</sup> - que escolhessem as equipes e o resultado foi muito interessante, pois mesmo com todo o ambiente de competição, elas utilizaram outros critérios para compor suas equipes, basicamente, afinidade e amizade, não considerando somente quem jogava melhor. Isso causou desconforto principalmente nos rapazes que estavam acostumados a serem os mais requisitados, fizeram caretas e estranhavam a cada novo nome chamado, enquanto eles ficavam para o fim.

Iara não quis jogar com o seu time alegando que não era justo e que o outro grupo estava mais forte, mas foi convencida pelos colegas. No fim, sua equipe ganhou e ela foi abraçar os adversários dizendo: *parabéns pela derrota!* Wellington, por sua vez, teve a sua participação rechaçada pelo grupo, pois ao querer pegar a bola a qualquer custo, acabava invadindo os espaços dos demais, trombando e isso fez com que a própria equipe reclamasse da sua atitude. O grupo tinha montado uma estratégia e aquelas atitudes estavam atrapalhando. Após a aula conversamos a respeito das diferenças físicas entre ele e os mais velhos, e que daquela forma ele machucaria seus colegas. Ele ouviu com muita tranquilidade e informou que era vontade de vencer, mas que iria tomar mais cuidado.

A conversa com o Wellington foi feita individualmente pois avaliamos que não havia necessidade de discutir o assunto com todo o grupo. Sendo o mais jovem da turma ele realmente estava muito empolgado com as atividades e desejava vencer de qualquer maneira. As diferenças com relação às gerações não se restringem a ideias e comportamentos, muitas vezes na aula de Educação Física, a questão corporal interfere diretamente: níveis diferenciados de força e velocidade podem causar conflitos, especialmente quando a distância entre as idades dos participantes é tão grande.

A proposta da atividade era que as equipes se organizassem e realizassem o rodízio sem a nossa interferência. Percebemos que trouxe um efeito positivo tanto com relação à estratégia do jogo, quanto à realização do rodízio. Finalizamos a atividade comunicando que havíamos feito contato com o SESC Pinheiros e que poderíamos visitar a instituição, conhecer o grupo de

---

<sup>12</sup> Estudante com 65 anos

<sup>13</sup> Estudante com 67 anos

idosos que joga vôlei e, principalmente, jogar com eles. A reação foi um misto de alegria e receio. Mesmo assim, todos concordaram, afinal, se tratava de uma experiência desafiadora.

Consultando nossas anotações no momento de planejar a próxima aula, observamos que os estudantes lançavam a bola para o outro lado da quadra de qualquer forma, sem a intenção de colocá-la em um espaço vazio. O fato nos levou a iniciar a aula apresentando outra forma de aquecimento, diferente da caminhada, com a ideia de ampliar o repertório de conhecimentos. Realizamos um circuito com três estações aeróbicas e, em seguida, propusemos arremessos da bola na quadra adversária. A atividade consistia em arremessar a bola por cima da rede tentando acertar dentro dos bambolês colocados a diferentes distâncias, cada qual com pontuações diferentes, 1, 3 e 5. Aumentamos paulatinamente as distâncias, mas procuramos reconhecer as diferenças entre os estudantes. Jaílson<sup>14</sup> e Emerson<sup>15</sup> ficaram mais próximos da rede, a fim de conseguirem executar a tarefa. Ivana<sup>16</sup> se destacou e foi quem mais pontuou. O fato de ter vencido a competição a deixou muito feliz, dando-lhe a sensação de satisfação e protagonismo. Os colegas da turma diziam: *A Ivana vai ter que ir no dia do jogo lá no SESC, se não vamos perder!*

Por ser uma pessoa tímida, ao final da aula a estudante se aproximou: *Gostei muito da aula de hoje!*, isso mostrou o quanto essas pequenas experiências são importantes para cada pessoa ali presente. Talvez, para esses estudantes que possuem um histórico de insucesso na escola, sair-se bem em uma atividade é de grande importância. Ao final da aula, João<sup>17</sup> apresentou uma preocupação com o jogo que realizaríamos contra a equipe do SESC e sugeriu um reforço com o pessoal das outras turmas, a fim de evitar uma derrota.

---

<sup>14</sup> Estudante com deficiência intelectual com 38 anos

<sup>15</sup> Estudante com deficiência intelectual com 34 anos

<sup>16</sup> Estudante com 53 anos

<sup>17</sup> Estudante com 56 anos

		
Circuito aeróbico para o aquecimento	Tentar lançar a bola dentro da área limitada pelo bambolê	Alongamento final

Na medida em que se aproximava a data combinada para ir ao SESC Pinheiros, o clima das aulas se aproximava do treinamento: *Mas no dia do jogo! Quero ver como vai ser lá na quadra!; Precisamos melhorar para o dia do jogo contra o SESC!* Toda essa euforia em torno da saída pedagógica fez com que Dora<sup>18</sup> solicitasse que ligássemos para a sua mãe e pedíssemos autorização para que ela pudesse participar.

Alguns estudantes estavam ansiosos e com o clima de treino pré-jogo instalado, aproveitamos para retomar o que fora estudado a respeito do vôlei adaptado a terceira idade, chamamos a atenção para as regras, a movimentação de cada jogador, as estratégias que a equipe iria adotar e relembramos que lá no SESC o espaço da quadra seria maior e a rede mais alta. Isso deixaria o jogo mais difícil, pois estávamos acostumados ao espaço pequeno e à rede mais baixa. Alguns estudantes preocupavam-se com a participação dos bons jogadores.

Os próprios estudantes constatavam o quanto melhoraram em relação aos primeiros jogos do início do semestre. Ver que reconheciam mudanças a partir do trabalho realizado nas aulas de Educação Física fortalecia nossos argumentos em defesa da presença do componente curricular na EJA.

Caminhando para a finalização do trabalho, participamos de uma vivência do vôlei adaptado à terceira idade no SESC Pinheiros. Iniciamos a atividade com uma conversa com o professor responsável pela equipe local, quando ele retomou o funcionamento e as regras do jogo e como havia pensado nossa participação na aula do Esporte Idoso, denominação que utilizam para aquele momento. Realizamos alguns exercícios de aquecimento em duplas utilizando as bolas e, em seguida, fizemos algumas partidas contra

<sup>18</sup> Estudante com deficiência intelectual e física com 27 anos

a equipe do SESC, sem ter obtido nenhuma vitória. Na continuidade, visando a proporcionar uma experiência distinta, compusemos equipes mistas e, por fim, realizamos jogos somente com a participação dos estudantes do CIEJA. O intuito era observarem as diferenças com relação ao espaço sem a interferência dos componentes técnicos e táticos que se fizeram presentes nos jogos contra os idosos do SESC.

Os estudantes do CIEJA ficaram surpresos com o tamanho da quadra, com a altura da rede e a qualidade dos jogadores da equipe do SESC. Observaram que muitos eram mais velhos que eles e, mesmo assim, jogavam bem. Eram capazes de executar bons ataques e defesas difíceis, o que encheu os estudantes de surpresa e admiração: *Nossa mas esse velhinho é bom mesmo!*. A turma se sentiu muito acolhida, pois os jogadores do SESC apoiaram o tempo todo demonstrando técnicas, dando dicas de como lançar e receber melhor a bola, lembrando regras e ajudando na organização da equipe no espaço de jogo.

Ao final da atividade os estudantes do CIEJA solicitaram que em 2017 “treinemos” um pouco mais para realizarmos essa vivência outra vez e, quem sabe assim, ganharemos pelo menos uma partida. Apesar da atividade ter acontecido de uma forma muito interessante, alguns estudantes saíram decepcionados por não termos vencido. Pelo fato de termos pessoas mais jovens em nossas equipes eles acreditavam que conseguiríamos ganhar, afinal a ideia de que os mais jovens se dão melhor nas práticas corporais ainda persistia, não levando em consideração que não é apenas a condição física que está em jogo, e sim uma gama de elementos técnicos e táticos que os idosos do SESC mobilizam adequadamente. João resumiu o espírito do grupo: *Por isso no ano que vem a gente treina e aí conseguiremos vencer!* Isso mostrou o quanto o trabalho realizado tinha envolvido os estudantes. O ano letivo nem havia terminado e eles já planejavam o próximo.



Visita ao SESC Pinheiros para uma vivência do vôlei adaptado a terceira idade.



Visita ao SESC Pinheiros para uma vivência do vôlei adaptado a terceira idade.



Visita ao SESC Pinheiros para uma vivência do vôlei adaptado a terceira idade.



Visita ao SESC Pinheiros para uma vivência do vôlei adaptado a terceira idade.

Encaminhando a última atividade da tematização do vôlei adaptado à terceira idade, organizamos uma roda de conversa para avaliar o trabalho realizado durante o semestre. A variedade de posicionamentos evidencia os diferentes significados atribuídos por cada estudante. Alguns relataram a melhoria das habilidades: *Até eu consegui pegar a bola* (Ângela<sup>19</sup>); *Meu braço agora até levanta, antes eu não conseguia levantar não!* (Ana<sup>20</sup>). Outros compreenderam um pouco mais do esporte, algo perceptível através das leituras que realizaram: *Eu aprendi como joga* (Isabela<sup>21</sup>); *Eu não conhecia o rodízio nem o saque.* (Maria<sup>22</sup>); *Sei que o saque tem que ser atrás da linha.* (Idelson). Houve também quem se referisse aos jogadoras do SESC e fizesse relações à faixa etária: *Elas são muito mais maduras que a gente e jogam demais.* (Isabela); *Aqueles velhinhos jogavam muito!* (Wellington); *Pensei que a gente ia conseguir ganhar pelo menos uma.* (João); *A gente achou que ia ser fácil porque eles eram mais velhos, mas não foi não... perdemos todas!* (Dora). Por outro lado, certos posicionamentos indicaram que seria importante retomar

<sup>19</sup> Estudante com 62 anos

<sup>20</sup> Estudante com 66 anos.

<sup>21</sup> Estudante com 67 anos

<sup>22</sup> Estudante com 35 anos

algumas atividades: *Eu ainda não entendo quando faz ponto.* (Ângela); *Aquele negócio de trocar de lugar...o rodízio, eu não sei como que faz não!* (Elisa).

Alguns estudantes com deficiência que não se comunicam convencionalmente através da oralidade, demonstraram suas aprendizagens através das suas formas de comunicação, incluindo a gestualidade. Filmamos cada um respondendo e/ou contando sobre o que aprenderam nas aulas de Educação Física e isso revelou outras possibilidades de aprendizagem, apresentaram gestos do jogo, lembraram momentos das aulas, demonstraram exercícios de alongamento, relataram o que mais gostaram das aulas, cada um à sua maneira.

Essas diferentes aprendizagens reforçaram a nossa convicção de que as aulas de Educação Física alicerçadas em uma pedagogia que valoriza o diálogo, as diferenças e que atenda aos interesses dos estudantes contribui com a construção de uma prática escolar mais democrática.

Avaliando todo o trabalho realizado, enxergamos erros e acertos no percurso. Olhando para os pontos positivos, conseguimos trazer para as aulas práticas que partiram dos interesses dos estudantes e, para além de ficarmos no que eles gostavam ou conheciam, o trabalho realizado permitiu-lhes ampliar e aprofundar os conhecimentos a respeito da prática corporal tematizada. Também consideramos importante o fato de termos dialogado muito durante o semestre, as vozes dos estudantes ecoaram durante as aulas, fazendo com que cada aula fosse elaborada com base na avaliação realizadas da aula anterior.

Ademais, se recordarmos que uma boa parte dos estudantes da EJA acumulam experiências escolares malsucedidas, é digno de nota termos registrado sorrisos e vê-los experimentar novas sensações (vencer, perder, errar, acertar). Isso não quer dizer que as aulas assumiram um tom recreativo, mas sim um olhar mais humano ao proporcionar-lhes situações bastante singulares do ponto de vista formativo.

Ainda no campo do que consideramos acertos, destacamos o envolvimento dos estudantes com deficiência, tanto nas formas como participaram das atividades como nas aprendizagens relatadas. Em poucos casos foram necessárias pequenas adequações para que realizassem a atividade proposta juntamente com o grupo. Algumas vezes colocá-los um

pouco mais a frente para a realização de um saque, outras vezes utilizar as bolas de espuma ou apenas ter que chamar-lhes a atenção para que se preparassem para receber a bola. O desempenho demonstrado surpreendeu também os colegas, que valorizaram cada passe ou defesa realizada.

Como pontos negativos, podemos citar a ausência de problematização de algumas questões. No início dos trabalhos, quando disseram que não queriam praticar um esporte de velhos, poderíamos ter analisado coletivamente esse discurso e, ao longo do trabalho, desconstruí-lo mediante o acesso a outras ideias, exemplos, situações didáticas etc. Talvez pudéssemos ter abordado a condição social de um idoso aposentado e a necessidade de muitos continuarem trabalhando mesmo com idades bem avançadas. Enfim, deixamos passar uma boa oportunidade de discutir o assunto.

Poderíamos, também, ter adotado outras formas de comunicação além da oralidade, pois sabemos que alguns estudantes são mais tímidos e falam em poucas ocasiões e, em alguns, casos apenas quando a pergunta é direta. Porém, avaliamos que por se tratar de estudantes que estão na etapa de alfabetização e na etapa básica, e que muitos ainda não são alfabetizados, organizar algum tipo de registro escrito seria pouco produtivo, além do que, para alguns, a condição de não saberem ler e escrever os códigos alfabéticos é motivo de vergonha. Chegamos à conclusão que precisamos pensar outras possibilidades de registro para esse público, mas que infelizmente isso não aconteceu no trabalho aqui relatado. Também avaliamos que teria sido importante conhecer e jogar em uma quadra oficial de vôlei, antes de realizarmos o jogo contra os idosos. A surpresa com o tamanho do espaço e a altura da rede fez com que o nervosismo dos estudantes aumentasse, mas percebemos isso apenas quando chegamos ao SESC.

Contra-pondo os pontos positivos e negativos, encerramos o trabalho com a sensação de que foi um importante disparador para pensarmos sobre as práticas corporais dos idosos e das pessoas com deficiência. Ele trouxe benefícios, aprendizagens e experiências tanto para os estudantes como para os bolsistas e para a professora, e nos fez acreditar que a Educação Física na EJA vem se consolidando como uma experiência importante para todos.